

# Apresentação

Este número 56, volume 36, da Revista do Centro de Estudos Portugueses pretende ser uma homenagem à professora Lélia Parreira Duarte, que, nos cerca de 30 anos dedicados à Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da UFMG uniu o gosto pelo magistério, a excelência intelectual, o entusiasmo na direção do Centro de Estudos Portugueses (do qual foi a primeira diretora) e o dinamismo na coordenação editorial da Revista do CESP, periódico que vem se mantendo, agora no formato digital, como eloqüente testemunho da presença da mestra na casa que foi, é e continuará sendo sua para sempre.

No texto que abre o volume é a própria Lélia quem nos conduz a um mergulho na história da disciplina “Literatura Portuguesa” na Faculdade de Letras. Concebido originalmente como conferência encomendada pelo Colegiado de Graduação da Faculdade de Letras, no âmbito do projeto “Letras-Debate”, no ano de 2011, o ensaio constitui um valioso percurso histórico das conquistas, desafios e transformações pelos quais passou a referida disciplina desde a sua implantação na UFMG. Afinal, como nos ensina Lélia em um poema: “O começo/é um tudo/em que tudo falta”.

Vilma Arêas e Maria Lúcia dal Farra endereçam à homenageada pequenas jóias narrativas, verdadeiras prendas de incalculável afeto, a mostrar que o “fazer dos livros” e o fazer dos livros sobre os livros não tem fim, como observa o Eclesiastes.

Por seu turno, o delicado e arguto texto de Renata Soares Junqueira comenta uma faceta menos visível (e conhecida) da obra de Lélia: a bem sucedida conjugação entre arte poética e arte pictórica, a notável aliança entre texto e tela.

Na sequência, os textos de Márcia Gobbi e Cid Bylaardt atestam a vitalidade dos estudos de Literatura Portuguesa entre nós, graças à análise da obra de autores como Mário de Carvalho e António Lobo Antunes.

Por sua vez, o artigo de Viviane Cunha, em clave filológica, ocupa-se em traçar os pontos de aproximação e diferença entre textos, figuras e personagens oriundos de tradições literárias distintas, como a demonstrar que a estrutura de temas e variações é procedimento seminal na prática intelectual e estética das literaturas europeias.

Na seção “Resenhas”, última do volume, Bruno Mazolini de Barros comenta o mais recente livro de Alexandra Lucas Coelho, promissora voz da novíssima geração de ficcionistas portugueses.

Nesta celebração que é também um tributo aos trabalhos e aos dias, não poderíamos deixar de aludir a um dos mais expressivos pensadores da memória, Proust, que, no parágrafo final de *O tempo redescoberto* roga que lhe seja concedido um pouco mais de tempo para que termine a obra monumental que empreendera e afiança que caso lhe seja concedida esta dádiva “não deixaria de lhe imprimir (à obra) o cunho desse tempo cuja noção se lhe impunha hoje com tamanho rigor, e, ao risco de fazê-lo parecer seres monstruosos, mostrava os homens ocupando no Tempo um lugar muito mais considerável do que o tão restrito a eles reservado no espaço, um lugar, ao contrário, desmesurado, pois, à semelhança de gigantes, tocam simultaneamente, imersos nos anos, todas as épocas de suas vidas, tão distantes – entre as quais tantos dias cabem – no Tempo” (*O tempo redescoberto*, 1970, p.251).

Imerso no tempo presente, imbuído do gesto proustiano, este volume quer ser, além de homenagem, uma dedicatória.

Silvana Pessôa  
Renata Soares Junqueira